

## O CUIDADO COM OS OUTROS: A BENZEDURA NO SUL DO BRASIL

Lorena Almeida Gill<sup>1</sup>

Eduarda Borges da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo aborda a benzedura no sul do Brasil em suas categorias denominadas: de tradição, de dom e de religião. O benzedor de tradição é aquele que recebeu os seus ensinamentos, preferencialmente, de um familiar; o de dom, o que começou a benzer após receber um sinal divino; já o de religião se relaciona, sobretudo, aos cultos afro-brasileiros. Ao todo foram entrevistadas dezoito pessoas, mulheres e homens, durante os anos de 2009 e 2014, nas cidades de Jaguarão, Pelotas, Piratini e Santana do Livramento, a partir do uso da metodologia da história oral temática. Para este estudo, no entanto, serão enfocadas, principalmente, sete narrativas de benzedoras e benzedores. As entrevistas fazem parte de um projeto mais amplo, intitulado “À beira da extinção, memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer”, desenvolvido junto ao NDH -UFPel.

**Palavras-Chave:** Benzedura; Ofício; Sul do Brasil.

### CARING FOR THE OTHERS: BENZEDURA IN THE SOUTH OF BRAZIL

**Abstract:** This article addresses benzedura (traditional healing) in its different categories: tradition, gift and religion. Tradition healers are those who received their teachings preferentially from a family member; gift healers are those who began his practice after receiving a divine sign; the religious are generally those related to Afro-Brazilian cults. Altogether eighteen people have been interviewed, men and women, between 2009 and 2014, in the cities of Jaguarão, Pelotas, Piratini, Santana do Livramento, using oral history's methodology. For this study, however, seven healer's narratives are focused on. The interviews are part of a wider project called: At the brink of extinction, memories of workers whose crafts are endangered, developed with NDH- UFPel.

**Keywords:** Healers; Crafts; South of Brazil.

---

<sup>1</sup> Professora da UFPel. Doutora em História. E-mail para contato: lorenaalameidagill@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda em História pela UFRGS. E-mail para contato: eduarda.historia.ufpel@gmail.com

Desde o ano de 2009<sup>3</sup> o Núcleo de Documentação Histórica (NDH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) desenvolve um projeto de pesquisa sobre as mudanças no mundo do trabalho, tendo em vista o desenvolvimento do capitalismo e, com ele, as transformações tecnológicas ocorridas. Tal projeto, intitulado “À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer” teve início após um seminário em Buenos Aires, Argentina, no qual se verificava aproximações entre dois grupos de pesquisa que versavam sobre o mundo dos trabalhadores e as temáticas que poderiam ser estudadas comparativamente entre os dois países.

O projeto é bastante amplo e já construiu memórias com alfaiates, motorneiros, estivadores, sapateiros, tecelãs, relojoeiros, parteiras, afiadores de faca, chapeleiros, ascensoristas, radialistas, algumas das principais atividades da região, que corriam riscos de transformação e/ou desaparecimento. Várias destas discussões passaram a ser vistas em monografias, dissertações e teses, justamente a partir do olhar dos bolsistas do NDH<sup>4</sup>.

Tendo em vista a estruturação da proposta, na primeira saída de campo realizada pelo grupo da UFPel, em 2009, na cidade de Jaguarão, Rio Grande de Sul, foram identificadas e entrevistadas algumas benzedoras, na perspectiva de que este seria um ofício fadado ao esquecimento, tendo em vista, dentre outros, a hegemonia do modelo biomédico<sup>5</sup>. O fato que não seriam muitos os benzedores encontrados em cidades de médio ou de grande porte<sup>6</sup>, por exemplo, justifica a escolha de um município pequeno, localizado na fronteira com o Uruguai, para o início do estudo.

Por benzedura<sup>7</sup> se entende o ato, relacionado a saberes populares, que consiste em rezar pelo outro, realizar simpatia ou um serviço ritual e terapêutico, por vezes na forma de

---

<sup>3</sup> O projeto foi construído, à época, por iniciativa das professoras Lorena Almeida Gill e Beatriz Ana Loner, do Departamento de História da UFPel. Em seu início, atuavam apenas alunos de graduação, mas, no momento, se têm algumas dissertações em andamento, outras concluídas, além de teses sendo feitas. Em Buenos Aires, o interlocutor foi o professor Pablo Pozzi, da UBA.

<sup>4</sup> Alguns desses ofícios foram analisados no livro que leva o nome do projeto, *À beira de extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer*, organizados por GILL, Lorena e SCHEER, Micaele, publicado pela Editora da UFPel, no ano de 2015.

<sup>5</sup> Segundo MACIEL-LIMA e SOUZA-LIMA (2011: 1): “[...] o conhecimento do médico acerca do paciente está associado ao conhecimento clínico, derivado em geral de exames, não necessariamente dos conhecimentos “incertos” e “duvidosos” colhidos da história de vida dos próprios pacientes” (grifos dos autores).

<sup>6</sup> Foram usados os seguintes parâmetros para se pensar sobre as cidades: as pequenas teriam até 100 mil habitantes; as médias de 101 a 500 mil; já as grandes acima de 500 mil habitantes.

<sup>7</sup> Há vários trabalhos sobre a cura que enfocam as benzeduras no campo das ciências sociais e humanas. Pode-se citar, dentre outros, QUEIROZ (1980), OLIVEIRA, (1983), LOYOLA (1984), LEAL (1992), QUINTANA

oferenda aos deuses, na perspectiva de curar alguma doença ou de trazer alento para alguma dor e/ou enfermidade, que a pessoa esteja sentindo ou para proteção, sendo necessário, para isso, que ambos, benzedor e benzido, tenham fé.

Já o cuidado é pensado como um diálogo não só de palavras, mas de presenças. “No diálogo de presenças produz-se o encontro entre dois seres humanos que se dispõem a falar, a mirarem-se nos olhos, a aceitarem-se mutuamente, a enriquecerem-se mutuamente” (TORRALBA ROSSELLÓ, 2009: 147-148).

Três ideias iniciais pautavam o nosso olhar sobre a benzedura: a de que se relacionava a um universo eminentemente feminino, tendo em vista que cabe à mulher, em grande parte dos casos, o cuidado de familiares e/ou de adoentados; que estava concentrada em cidades menores, pois muitos desses lugares contavam com um precário atendimento médico; e, por fim, que estava em vias de desaparecer, por certo desinteresse dos mais jovens com estas práticas de cura.

Com o desenvolvimento do projeto a percepção sobre o ofício foi mudando, já que foram encontrados homens que também benziam. Em Pelotas, uma cidade de médio porte, por exemplo, foram identificados, vários benzedoras e benzedores em atuação. Do universo pesquisado doze foram mulheres e seis, homens.

Como as nuances de suas práticas eram diferentes foi proposta a seguinte categorização para as narrativas construídas: a) benzedores de tradição, ou seja, aqueles que haviam aprendido as rezas e rituais com algum familiar ou alguém próximo a eles, que se viu no dever de fazer seguidores; b) benzedores de dom, os que tinham recebido um aviso, um sinal, em momentos especiais de suas trajetórias, de que deveriam cuidar dos outros, tendo em vista ser esta uma ação edificante, sobretudo na perspectiva interior do termo (TORRALBA ROSELLÓ, 2009); e, ainda, c) benzedores de religião, especialmente vinculados aos cultos afro-brasileiros, que costumam ter, em seus centros de atendimento, uma pessoa dedicada a fazer rezas e orações com o sentido de amenizar a dor de pessoas que sofrem e que confiam em outras formas de tratamento e cura, além daquelas baseadas na tradição biomédica.

---

(1999), SOARES (2001), FIGUEIREDO (2002), PRIORE (2004), WEBER (2004) e WITTER (2001, 2005). Sobre a cidade de Pelotas, podem ser referidos AVILA (2011), GILL e ROCHA (2015) e ALMEIDA (2015).

É preciso dizer, no entanto, que, embora as categorias sejam bem delimitadas, não são estanques para um possível enquadramento dos sujeitos benzedores. Foram encontrados benzedores vinculados à Umbanda, por exemplo, que já tinham aprendido a benzer desde jovens, na casa de seus pais ou de algum parente próximo. De outro modo, alguns dos narradores reportaram o fato de que haviam aprendido, e continuado com as rezas, justamente por terem recebido um dom divino ou uma missão.

A pesquisa se desenvolveu a partir da metodologia da história oral, por meio de sua vertente chamada história temática (MEIHY, 1996). Foram enfocadas, durante a construção das narrativas, especialmente questões vinculadas ao cotidiano de suas atuações como benzedores, rezadores e cuidadores<sup>8</sup>. Interessava, certamente, a trajetória destas mulheres e homens, mas, sobretudo, as narrativas que se vinculavam a práticas de cura e de cuidado. Como decorrência, trata-se de uma História do Tempo Presente, já que os envolvidos no processo da pesquisa são contemporâneos. Para DOSSE (2012: 6) a “singularidade da noção da história do tempo presente [...] reside na contemporaneidade do não contemporâneo, na espessura temporal do ‘espaço de experiência’ e no presente do passado incorporado”.

A memória dos benzedores foi pensada a partir de CANDAU (2011: 44), como forte, ou seja, densa e resistente. Segundo o autor trata-se de:

[...] uma memória massiva, coerente, compacta, profunda, que se impõe a uma grande maioria dos membros dum grupo, qualquer que seja seu tamanho, sabendo que a possibilidade de encontrar tal memória é maior quando o grupo é menor. Uma memória forte é uma memória organizadora no sentido de que é uma dimensão importante da estruturação de um grupo e, por exemplo, da representação que ele vai ter de sua própria identidade.

Foram entrevistados dezoito benzedores, conforme já dito, ao longo de seis anos (2009-2014). Além da gravação das narrativas foi utilizado um caderno de campo, de modo a registrar o que mais chamou a atenção dos pesquisadores nesses encontros, desde expressões corporais dos narradores, ambiência do local da entrevista, silêncios ocorridos. Em vários momentos, houve também a filmagem e não só a gravação de áudio.

---

<sup>8</sup> Os termos são usados como sinônimos, até mesmo porque benzer, rezar e cuidar são práticas contidas no ofício.

A filmagem, no caso dos benzedores se mostra de grande importância, pois a maneira que atuam se expressa através de manifestações corporais bastante demarcadas, especialmente através do toque das mãos. Segundo CANDAU (2011: 119):

A aquisição de uma identidade profissional ou, mais genericamente, de uma identidade vinculada a poderes e saberes não se reduz apenas a memorizar e dominar certas habilidades técnicas: ela se inscreve, na maior parte dos casos, nos corpos mesmos dos indivíduos.

A benzedura é entendida como um ofício, conforme já referido. Para TOMASI e SILVA (2007: 6) trata-se do “encontro de habilidades técnicas, intelectuais e manuais associadas a uma experiência”, e é justamente sobre as vivências de cada um dos benzedores e benzedoras, representadas, no dizer dos autores, em autonomia, solidariedade e trabalho bem feito, que se irá dissertar.

De outra forma, a pesquisa se relacionou ao conceito de cotidiano, desenvolvido por HELLER (2008: 31), para quem:

A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se em “funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias (grifos da autora).

Heller enfatiza que a fé e a confiança são elementos fundamentais da vida cotidiana, ocupando um espaço maior na trajetória de cada pessoa. Ora, a benzedura, como se verá adiante, trabalha fortemente com a crença e a credibilidade. Os benzedores são enfáticos ao afirmar que se aqueles que os procuram não acreditarem na cura, nada acontecerá. É preciso ter fé e o benzedor é o instrumento desta crença.

Foram encontrados benzedores em Pelotas desde fins do século XIX, embora se estime que esta prática tenha existido bem antes desse período, tal como aconteceu no restante do país, cujas primeiras experiências ocorreram ainda durante o Brasil Colônia (PRIORE, 2004). Em estudo realizado sobre os processos terapêuticos para a tuberculose, entre os anos de 1890 e 1930, por exemplo, foram identificados os mais diversos

curadores<sup>9</sup>, que moravam na cidade ou se deslocavam de uma região a outra visando oferecer os seus serviços (GILL, 2004). O trânsito de curadores, neste período, foi facilitado pela presença do Partido Republicano Rio-Grandense no Governo do Estado, tendo em vista a sua vinculação com o positivismo de Augusto Comte (em sua vertente castilhista), que preconizava, dentre outras questões, a liberdade individual, a qual possibilitava que cada um escolhesse a quem se dirigir quando estivesse doente e a liberdade profissional, que permitia a atuação de profissionais que, em outros lugares, poderiam ser considerados como charlatães<sup>10</sup>.

Para que se tenha um exemplo sobre a circulação de pessoas na cidade envolvidas com diferentes práticas de cura, é possível citar o Relatório da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, do ano de 1929 (Volume I, página 479):

Existe atualmente em Pelotas um total de 53 médicos, assim discriminados pelas especialidades que exercem: 12 cirurgiões, 27 clínicos, 4 microbiologistas, 3 pediatras, 2 obstetras, 4 oftalmologistas, 1 radiologista, 2 médicos cirúrgicos, 4 homeopatas, 37 curandeiros, feiticeiros, cartomantes, etc., 5 parteiras amadoras relacionadas com o corpo médico e 7 parteiras curiosas, que trabalham por conta própria.

Os números certamente eram maiores, tendo em vista que ficavam registrados, pelas repartições do governo, apenas dados sobre aqueles que buscavam um órgão para obter licença para a atuação. Muitos dos que passavam a realizar atendimentos na zona rural não costumavam fazer algum tipo de registro, até porque, algumas vezes, a estada na cidade se dava por alguns dias ou semanas ou também porque era mais difícil encontrá-los para que fossem notificados por prática irregular, caso houvesse alguma denúncia.

O jornal “O Rebate”, de 5 de janeiro de 1916, p. 2, por exemplo, explicitou a situação de uma curandeira/benedora que atuava na zona rural, no 5º distrito de Pelotas, chamada Mimososa. Ela era casada, tinha três filhos e quando era expulsa de uma região, ia para outra próxima. De acordo com o jornal: “Essa mulher arrastava todos os dias à sua casa, uma verdadeira romaria de ‘fanáticos’, que descrendo dos poderes terapêuticos da ciência iam buscar ali a salvação”.

<sup>9</sup> Por curadores, nesta época, se entendia um amplo espectro de pessoas como curandeiros, benzedores, feiticeiros, cartomantes, rezadores, dentre outros.

<sup>10</sup> Para o exercício da Medicina o interessado deveria se inscrever na Inspeção e mais tarde na Diretoria de Higiene do Estado. Tal situação fez com que diferentes pessoas, a partir de formações diversas atuassem no RS, oferecendo seus préstimos, como médicos estrangeiros, curandeiros, espíritas e boticários.

Mimosa era tratada como uma charlatã, que com sua atuação queria apenas arrecadar dinheiro. Note-se, no entanto, que os homens considerados também como farsantes e embusteiros não costumavam ser facilmente expulsos das regiões em que estavam exercendo seu trabalho.

A perseguição costumava ser mais rápida e explícita com relação às mulheres. Tal questão se aproxima da análise feita por FEDERICI (2017: 159) quando, sobre outro contexto, assim diz: “Embora a caça às bruxas estivesse dirigida a uma ampla variedade de práticas femininas, foi principalmente devido a essas capacidades – como feiticeiras, curandeiras, encantadoras e adivinhas – que as mulheres foram perseguidas, pois, ao recorrerem ao poder da magia, debilitavam o poder das autoridades e do Estado” [...].

O jornal O Nacional de 19 de setembro de 1891, p. 3, por exemplo, relatou o caso do negro Ali, chamado de feiticeiro, que após prestar informações à polícia por práticas de cura, foi liberado tendo em vista a liberdade profissional preconizada pela constituição do Estado do Rio Grande do Sul.

### **Os benzedores de tradição**

Quando foi entrevistada, em 2014, dona Diva Costa Ribeiro tinha 90 anos. Chegou-se a ela após várias entrevistas com benzedores, naquele momento em que para a metodologia de história oral havia se aproximado um ponto de saturação, ou seja, depois de muitas entrevistas a partir da mesma temática, pouco existia de acréscimos em novas conversas, pois os temas se repetiam com relação à forma de benzer: o uso de ervas; as orações em uma sequência de três encontros e a não aceitação de pagamento pelo ato.

Um fato novo que fez com que dona Diva, como é conhecida, fosse entrevistada é que a sua neta tinha organizado as suas rezas em um pequeno livro, de modo a evitar que se perdessem. Sobre este processo de escuta e escrita ela referiu: “Zélia, agarra aquela cadernetinha e me assenta as benzeduras, tudo que eu quero deixar de herança pro povo aprender, pra não ficar sem benzedeira, o dia que eu morrer”. Lá estavam anotadas, uma a uma, as benzeduras para o sapinho<sup>11</sup>; cobreiro<sup>12</sup>; zagre<sup>13</sup>; espinhela caída<sup>14</sup>; encalho<sup>15</sup>;

---

<sup>11</sup> Trata-se de uma candidíase oral, comum em bebês com menos de seis meses de idade.

<sup>12</sup> Doença de pele conhecida como herpes zóster, que costuma aparecer quando a pessoa está mais debilitada.

<sup>13</sup> Para ela, zagre seriam casquinhas que se criam na cabeça das crianças pequenas.

quebrante<sup>16</sup>; umbigo rendido de mau jeito; sol<sup>17</sup>; peste<sup>18</sup>; ar<sup>19</sup>; engasgue; estancamento de sangue; verruga; temporal; afastamento de cobras, de inimigo e de cachorro.

Tal situação, de dar a conhecer as rezas, não é muito comum entre os benzedores. Na maioria das vezes, as falas começam em tons audíveis, até que não possam mais ser escutadas, como se só devessem ser percebidas por iniciados, mas dona Diva seguiu outro caminho, que foi justamente o de deixar uma espécie de legado às gerações mais novas.

Ela diz ter aprendido a benzer com várias pessoas, dentre elas familiares, ainda na zona rural, tendo em vista que morou lá até os 60 anos de idade. Como não havia médico próximo, precisava resolver pequenos problemas que existiam no dia a dia e assim começou a fazer curas, observando outras pessoas e perguntando como proceder em cada um dos casos que lhe apareciam. Ao atuar na zona rural, ajudando ao marido, benzia animais e pessoas. Uma das benzeduras que fazia era contra a aftosa do gado, por exemplo, mas dizia benzer pássaros, gatos, cachorros, cavalos. Além disso, realizava rezas para pessoas que estavam longe, a partir do nome do indivíduo para quem se queria pedir uma graça.

No momento da entrevista, revelou que já não se sentia bem para realizar tantas curas e orações, mas que antigamente chegava a benzer 35 pessoas por dia. De todo o modo, no meio da entrevista, foi feita uma interrupção, pois havia uma pessoa batendo a sua porta, pedindo proteção. Na visão de dona Diva existem doenças para médicos, que necessitam a ingestão de fármacos e outras para benzedores, quando a intervenção do “sagrado” é indispensável, assim como compreende que é possível uma atuação conjunta/complementar entre os seus saberes e os da Medicina.

Um ponto em sua fala foi bastante marcante, a dificuldade em encontrar pessoas dispostas a aprender aquilo que foi constituindo como uma experiência em sua trajetória de vida. Daí a importância da divulgação de suas rezas por meio de um pequeno livro

---

<sup>14</sup> Segundo os benzedores, trata-se de um ossinho mole que vem do coração e que se está caído provoca dor no estômago, costas e pernas, causando um maior cansaço à pessoa.

<sup>15</sup> Vincula-se a algum distúrbio estomacal.

<sup>16</sup> Quebranto é uma espécie de fraqueza e/ou desânimo, que se origina de um mal querer de alguém.

<sup>17</sup> Para dona Diva, trata-se de benzedura para dor de cabeça, ocasionada pela pessoa parar no sol, sem chapéu, já que o sol pode queimar o couro cabeludo.

<sup>18</sup> Peste é o nome genérico para qualquer doença.

<sup>19</sup> Para ela o ar, às vezes, faz que com que se tenha dor no corpo, por isso a benzedura.



cuidadosamente digitado e encadernado que tem como título: "Benzeduras de Diva Costa Ribeiro".

O segundo benzedor de tradição, cuja narrativa será analisada, foi o senhor Geovegildo da Silva, com 92 anos na data da entrevista, no ano de 2010. Ele nasceu na Cascata, zona rural de Pelotas, e se dedicou à lida campeira, ao cuidado de animais e a plantação de pequenas hortaliças. Aprendeu a prática de benzer com a mãe, ao observar os procedimentos que ela adotava para tratar a dor de tudo, como dizia. Ao apresentar como realizava uma benzedura, ele simulou uma operação cirúrgica, "costurando" machucados, por exemplo.

Seu Geovegildo disse que tentou ensinar várias pessoas, mas que até aquele momento só havia conseguido um bom discípulo. Segundo ele, é preciso "dom, de nascença, vir de berço" para que dê certo o ato da cura. Há a necessidade, também, de que não haja cobrança, pois o ato de fazer o bem não tem preço. Sua benzedura se dá por meio de vários instrumentos: facas, tecidos, linhas e, também, do que encontra na natureza, como tunas<sup>20</sup> e pequenos ramos verdes. "A utilização de plantas, além de outros produtos naturais, na terapêutica e prevenção de doenças, pode ser detectada em diferentes formas de organização social, constituindo-se como uma prática milenar associada aos saberes populares [...]" (FERNANDES, 2004: 27).

Os dois entrevistados benzem por meio de um amplo espectro de possibilidades, atuando há várias décadas e tratando diferentes males. Efetivam rezas, sempre em uma sequência de três<sup>21</sup>, cinco, sete ou nove dias, dependendo da necessidade e, também, fazem simpatias, que seriam para males mais simples de serem tratados, como a bronquite. Ao mesmo tempo, realizam benzeduras chamando o nome da pessoa, mesmo que estejam longe e rezam tanto para pessoas como para bens produtivos, como animais que são utilizados para obter renda e, ainda, equipamentos, como tratores e colheitadeiras, utilizados no dia a dia do trabalho agrícola.

Nas duas situações foi possível observar a força da transmissão geracional em suas atuações: Diva e Geovegildo foram ensinados dentro de casa, ainda que com o passar do tempo tenham buscado conhecimentos com outras pessoas, como era de se esperar, já que

---

<sup>20</sup> Uma espécie de cacto.

<sup>21</sup> Alguns narradores reportam que o número três é importante para a benzedura tendo em vista a simbologia da Santíssima Trindade, ou seja, Deus se revela através do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

se aprende durante toda a vida. Conforme TOMIZAKI (2010: 329): "Transmitir e herdar são duas facetas de um mesmo movimento que coloca as gerações diante do desafio de definir como devem se conduzir em relação à sua herança, que pode ir dos bens estritamente materiais aos totalmente simbólicos [...]", como no caso das benzeduras construídas, por Diva e Geovegildo, a partir de uma herança familiar, que se constituiu como um legado.

De outro modo, nas entrevistas com os dois benzedores fica evidente o conceito de memória coletiva de HALBWACHS (2004); de memória herdada de POLLAK (1992) e de memória compartilhada de RICOEUR (2000), já que o grupo familiar é portador de determinadas lembranças que se fortalecem com o passar do tempo se transformando em uma memória legitimadora da trajetória de cada um deles. Segundo RICOEUR (2000: 514):

Trata-se de uma experiência forte, que contribui a alargar o círculo dos próximos, abrindo-o em direção a um passado, que, em pertencendo aos nossos ascendentes ainda em vida, nos coloca em comunicação com as experiências de uma outra geração que não é a nossa [...].

Ainda que a transmissão geracional seja definidora da prática de Geovegildo, ele utiliza a palavra "dom" em sua narrativa, ao evidenciar que não basta o ensinamento que se recebe na vida, por meio de um familiar, mas que também é preciso que se tenha um relacionamento com a prática, que permita desenvolvê-la de modo eficaz.

### **Os benzedores de dom**

O senhor Dario de Almeida Marques nasceu no dia 15 de outubro de 1933, no bairro Areal, em Pelotas, e dedicou-se, durante a sua vida, a tarefas relacionadas ao comércio. No dia 27 de agosto de 1969, próximo a sua casa, foi atropelado por um automóvel em alta velocidade e permaneceu por trinta e cinco dias em coma. Segundo ele, teria recebido durante este período, uma voz que anunciava que deveria atuar, a partir dali, cuidando dos outros. Para ele, devido a sua fé obteve a cura e, a partir desse momento, recebeu o dom de benzer os outros, intervindo em todas as doenças. De acordo com ele: "O meu trabalho é especial e a minha missão eu recebi [...]".

O conceito de dom é pensado, neste estudo, a partir da definição de CAILLÉ (2002: 142) para quem se trata de: "toda a prestação de serviços ou de bens efetuada sem garantia de retribuição, com o intuito de criar, manter ou reconstituir o vínculo social".

Para MAUSS (2003: 187) "as trocas e os contratos se fazem sob a forma de presentes, em teoria, voluntários, na verdade obrigatoriamente dados e retribuídos". Evidentemente, que a benzedura, por se tratar de uma condição específica, o cuidado, deve flexionar tal relação social. Nesse sentido, SILVA (2017), em sua pesquisa sobre parteiras tradicionais, observou que, apesar de não haver garantia, há uma espera por retribuição, como no caso das parteiras, do mesmo modo que para os benzedores. Tal retribuição não se efetiva por trocas financeiras, mas pela gratidão e pelo prestígio social.

É comum que os narradores digam que não cobram por suas rezas e cuidados, embora muitos deles aceitem pequenos presentes, o que pode ser comprovado pela maioria das narrativas. Os envolvidos querem fazer algum tipo de delicadeza, compreendidos como retribuição, pela atenção dispensada. Conforme SILVA (2017: 136): "Não se recebe somente um presente, mas a possibilidade daquele que antes fora ajudado em recuperar sua reputação que estava em débito. Quem retribui sente-se agradecido duas vezes, pela primeira ajuda recebida e por poder retorná-la".

Sobre a atuação cotidiana com a reza, nas palavras de Dario: "Eu trabalho com a palma da tuna, desenho o pé, lavo bem, você pendura no sol. Quando a tuna seca a doença desaparece. Tendo fé, acreditando em Nosso Senhor Jesus Cristo". Seu Dario revela conhecer vários médicos (e cita nomes), ter tratado alguns de seus parentes e que eles mesmos o indicam a pacientes. Sobre isso, refere: "Aí eles mandam, os médicos mandam, não tem problema. Ontem mesmo um, uma pessoa que fazia três meses, que estava com herpes. Em todo o peito. Fazia seis noites que não dormia. Com herpes, mas para nós que benzemos é cobreiro".

A fala de Dario, que também aparece em outras narrativas, remete a BOURDIEU (1998) para quem a sociedade se constrói a partir de campos, os quais disputam o poder.

Os agentes sociais buscam, através da ampliação do capital simbólico, alcançar reconhecimento, o que lhes proporciona poder e legitimidade frente aos demais. O diploma médico, sem dúvida, é uma forte expressão desse capital simbólico, mas o fato de diplomados procurarem por pessoas que praticam atos mágicos, que na maior parte das vezes não

compreendem, reforça sua importância dentro da sociedade, fazendo com que certas práticas passem a ser reconhecidas como necessárias e preêquis de respeito social (GILL e ROCHA, 2015: 109).

Em sua narrativa, diz ter cento e vinte pessoas em tratamento, naquele período, algumas, inclusive, procurando a cura contra o câncer, como de próstata, de mama e de estômago. De toda a maneira, pondera que o médico tem o diploma e o estudo, e que as pessoas costumam seguir o tratamento e utilizam a benzedura como algo complementar. Ele assim diz: "Eu sou feio, mas não sou louco senhor. Por quê? Eu não tenho o que o médico tem". Revela ainda ter feito andar, sem auxílio, pessoas que necessitavam de muleta anteriormente.

Durante a entrevista é comum que seu Dario faça silêncio e estabeleça uma comunicação com Jesus Cristo, a quem chama carinhosamente de bonitão, sendo construída uma espécie de linha direta com um ente espiritual, ou seja, a intimidade em colocar este apelido indica a percepção que tem sobre o ofício de benzedor, sentindo-se como um mediador entre seus clientes e Jesus.

As palavras missão e dom aparecem com frequência na narrativa, indicando o que diz ser um caminho sem volta, ou seja, o destino de ajudar os outros. A missão não é cumprida com facilidade, já que é necessário juntar tunas e cortá-las (recebe a ajuda de uma pessoa contratada para este fim) e estar disponível para atender pessoas em diferentes momentos do dia, embora na porta estejam afixados os horários mais convenientes.

Já dona Anarolina Fagundes Soares, outra benzedora relacionada diretamente ao dom, nasceu no dia 23 de março de 1931. Moradora do bairro Santa Terezinha, em Pelotas, trabalhou boa parte da vida no comércio e, ao longo da entrevista, reportou a morte da mãe como um momento definidor em sua vida. Diz que a perdeu no ano de 1971 e que sofreu demais por isso, chegando ao ponto de quase enlouquecer, conforme suas palavras. Ao adoecer de tristeza, teve forças para continuar quando foi visitada, à beira da cama, por sua avó materna, já falecida, que lhe disse que a morte não viria naquele momento. Foi nesse período que recebeu um pai de santo em sua casa que lhe sugeriu que trabalhasse a sua espiritualidade, já que tinha muitas visões. Sobre este período, coloca: "eu me dediquei à religião e me entreguei de coração e alma para a religião, fiquei e tô até hoje. Dali o preto

velho começou a vim, começou ele mesmo a fazer curas, se a pessoa tem dez problemas ele faz e ele cura".

Ainda que dona Anarolina seja absolutamente relacionada com o que foi denominado, pelo projeto, como benzedura de religião, justamente por se apresentar como umbandista e realizar as rezas dentro de uma casa espiritual ou terreira<sup>22</sup>, como é chamada, ela é uma das que mais reforçam a ideia de que possui um dom, adquirido em um momento de sofrimento, tal como o senhor Dario.

Uma questão que chama a atenção é que boa parte dos entrevistados utiliza ervas para benzer. Já dona Anarolina trabalha com o que chama de poder das mãos. Relata benzer de tudo, para todos os problemas, só com as mãos. Também receita ervas, mas a serem utilizadas para chás e xaropes, como os usados para a bronquite, por exemplo. Reforça, em sua narrativa, a ideia de que há doenças para médicos e outras para benzedores. Ao ser questionada a respeito do fato de que seus clientes, antes de a encontrá-la, já tenham passado por consultas médicas refere que "muitas pessoas procuraram o médico [...] Não resolveram com o médico, porque não era para médico, né? Tem as coisas que é para médico e outras não".

A trajetória de dona Anarolina faz também com que se pense sobre a classificação proposta pelo estudo em seu início, ou seja, sobre a existência de benzedores de tradição, de dom e de religião. Trata-se de uma perspectiva de buscar aquilo que se constituiu como uma espécie de elemento definidor para o início da prática, mas que não é estanque, conforme já referido. Embora Anarolina seja apresentada com uma benzedora de religião, a aquisição de um dom, em um momento de dor profunda, foi bastante marcada em sua fala.

Outra narrativa importante relacionada ao tema foi a da senhora Loiva Furtado Brum, nascida em 8 de março de 1940, benzedora na cidade de Piratini (RS), que, diferentemente dos demais, além das rezas faz premonições através de uma voz, desde os oito anos de idade.

[...] no período dos meus pais que eu tinha oito anos, aí vinha aquela voz [...]. Com essa idade eu não caminhava e segui atendendo e segui caminhando e depois eu casei e o marido não queria que atendesse e fiquei sem caminhar dois anos, sentada na cadeira e aí depois ele foi numa

---

<sup>22</sup> Segundo KOSBY (2009: 13) em Pelotas e em outras cidades do RS, o termo é utilizado no feminino para designar casas de religião.

mulher lá na Sanga Funda [Pelotas], na Dona Inês e [ela] mandou que eu seguisse atendendo, se não, eu não ia durar muito, [...] daí eu segui atendendo e foi uns três ou quatro dias e eu segui andando de novo.

Desde a infância fazia orações que tanto lhe acalmavam quanto ajudavam outras pessoas, mas considerou que essas preces já eram benzeduras. Teve duas paralisias, uma aos oito anos de idade, superada através do exercício da reza e da cura aos outros e outra mais tarde, após seu casamento, em virtude de o marido tê-la proibido de praticar o ofício. Recuperou-se desta última quando retornou as suas atividades.

É marcante em sua narrativa o sofrimento decorrente das premonições que recebe, principalmente, quando foi avisada, por essa voz, da morte do filho caçula – e a aproximação dos dias, sem que pudesse intervir, tornou-se uma tortura para ela –.

[...] agora quando eu perdi o filho, que não faz muitos anos que eu perdi, eu disse que ia parar, [...] e aquela voz: ‘tu não pode parar, tu ainda tem muita coisa a cumprir’, [...] aí não parei, segui atendendo, passei chorando e atendendo. Não é fácil. [...] Se eu me deito e não estou dormido eu vejo aquela voz, bem direitinho: ‘amanhã vai acontece isso, aquilo ou aquele outro’, eu posso saber que acontece.

Além de receber premonições, Loiva também contou que ao benzer segura um copo com água e que nesta forma-se uma espécie de bilhete e ela consegue ler, inclusive, qual o tipo de doença da pessoa que a procura.

[...] quando é um quebrante, uma coisa assim é mais simples, quando uma pessoa tem uma doença [...] já vem aquela voz e na água eu benzo, ali no copo com água, a água fica escrita bem direitinho, como um bilhete ali, o que tem, o que não tem. [...] a água não me nega nada, por isso eu pego um copo com água pra benzer e olho na água, estou benzendo a pessoa e olhando na água, que aquilo está escrito.

Também faz infusões de ervas, geralmente submersas em um recipiente com álcool para ingestão via oral ou afumantação e os considera remédios, mas salienta que no momento em que benze verifica, na “água mensageira”, se o remédio indicado pelo/a médico/a está correto e se estiver não indica a seu cliente que pare o uso da medicação.

Além das rezas que podem ser feitas a distância “[...] a pessoa liga pra mim e através do nome eu faço” e das premonições, também realiza simpatias. “Às vezes a gente faz simpatia, às vezes pra uma pessoa que está rendida, pra um desvio na coluna. [...]

simpatia de coluna é com as mãos levantadas ali na porta [...]. E bronquite a gente faz é com a tesoura”. Também evidencia os números de visitas necessárias para a benzedura, que variam dependendo do caso, “mais grave são três vezes, outras vezes cinco e se não, uma vez só resolve”.

Um dos diferenciais de Dona Loiva é que durante os atendimentos em sua casa recebe muitos jovens, que enfrentam filas para vê-la, inclusive na chuva, como no dia em que foi entrevistada. Acredita ser benquista por esse público devido a sua capacidade premonitória: “[...] é que eles ficam curiosos pra saber outras coisas, como é que vai ser a vida e como é que é?”

Foi pedido, no momento da entrevista, que fizesse uma benzedura como do seu costume para duas integrantes da equipe. Ela fez uma reza e na sequência uma premonição para cada uma e de modo audível, o que é bastante raro entre as/os benzedoras/es, sendo possível reproduzi-las, conforme segue:

[Reza] Sagrado Coração de Jesus essa irmã chega na tua frente fazendo os pedidos pra ti, fazendo todos os pedidos. Eu peço a Deus que Deus te dê força que tenha uns bons estudos, que Deus esteja sempre junto contigo. Jesus me acompanha essa irmã sempre, dá força, poder, proteção, prosperidade, liberte ela de tudo que é ruim, nada do que é ruim deixa andar no corpo dela, tu anda sempre com ela, cuida ela, vou te entregar ela nas tuas mãos, que é pra ti salvar ela de tudo quanto for mal, em nome de Deus e da Virgem Maria e do Espírito Santo. Amém Jesus. [Premonição] Filha tu vai estudar mais que tu está estudando, tem mais coisas pra ti fazer, mais cursos, está bem nova, vai estudar que tu mesma vai te admirar tá? E vai ser muito feliz, tá minha filha?

[Reza] Jesus chega na tua frente. Jesus diz que ela vai se defender com as três palavras santas, com o nome de Deus e da Virgem Maria, meu pai dá força pro anjo de guarda dela, sobre o amor, sobre prosperidade, sobre o trabalho, ajuda ela de noite e de dia, nunca deixa ela desamparada, com o nome de Deus, da Virgem Maria e do Espírito Santo. Amém Jesus. Que Deus é pai, Deus vai te dar toda a força, todo poder e toda a proteção, com o nome de Deus e da Virgem Maria e do Espírito Santo. Amém Jesus. Jorge guerreiro cavaleiro da ordem de Cristo arriou seu cavalo e montou e caminhou direito a porta de Jesus e bateu e Jesus pergunta quem bate? Sou eu Jorge guerreiro, peito de aço, coração de bronze. Que queres Jorge? Eu quero força. Então eu vou te dar sete cruces, uma na testa, três na frente, três atrás. Teus inimigos terão olho e não verão, boca e não falarão, água corre pelos (?) assim como corre pelo rio de Jordão. Amém. [Premonição] Filha tu vai ter sorte no amor, até agora tu não teve sorte [...] mas tu vai ser uma pessoa de bastante sorte, bastante poder, e assim te cuida um pouco bastante porque na oração que veio aqui pra mim fazer, a

de São Jorge, é contra uma perseguição, ou contra às vezes até um assalto, tá? Mas tu sabe que tu vai ficar livre disso aí, tá minha filha?

Questionada sobre a diferença das benzeduras, Loiva afirmou que cada indivíduo quando a procura passa por um período em sua vida e que, por isso, precisa de um tipo de reza diferente, sendo necessário invocar outros santos/entidades. Na segunda benzedura afirmou que a benzida necessitava de mais proteção, portanto, recorreu ao auxílio de São Jorge, o Santo Guerreiro. O interessante é que após a reza, Loiva faz a premonição e, de certa forma, este segundo momento justifica o primeiro, ou seja, a premonição tem um caráter de aviso, mas também de tornar inteligível ao benzido o que foi invocado, justificando, assim, a credibilidade de sua prática.

Para Loiva benzer é um dom e por isso não aceita pagamentos em dinheiro, apenas contribuições em alimentos ou alguns trocados para a compra de velas.

Eles me ajudam, um me ajuda com uma coisa, às vezes um me traz um feijão, um me traz uma carne. Um senhor esses dias, porque os animais tinham parado de morrer, me trouxe mil reais e eu não quis, ele disse que ia botar ali em cima. Se ele botasse eu não ia vencer<sup>23</sup> ele mais. [...] aí se botam pra comprar umas velinhas, dois reais, um real, tudo está bem, mas querer botar um monte de dinheiro ali, Deus não me cobrou nada pra me ensinar, minha filha. Eu acho que é dom [...].

É marcante em sua fala a relação estabelecida com Deus. Ele não lhe cobrou nada para ensinar a benzer, logo, ela não pode cobrar para exercer este ofício. Além disso, praticar o bem, a cura, a benzedura é sua forma de agradecer a Deus pelo ensinamento dado. Caso aceite uma quantia significativa em dinheiro pode não “vencer” mais, ou seja, teme perder seu poder. Afinal, Loiva acredita que esse reconhecimento dos céus, ou seja, sua missão enquanto benzedora lhe é atribuída para sanar as dificuldades do próximo e não para enriquecer.

---

<sup>23</sup> A palavra vencer é utilizada em uma perspectiva de obter êxito. Segundo já explicitado anteriormente, para a maioria dos benzedores não é possível fazer cobranças por rezas ou benzeduras, sob pena do benzedor perder o poder que tem de curar.



### **Os benzedores de religião**

Antes de se iniciar a análise das narrativas é preciso referir que Pelotas é e foi marcada por uma expressiva população negra. Os negros estiveram presentes desde o início da formação da cidade, uma vez que eram escravizados e atuavam, sobretudo, nas charqueadas. Após a abolição muitos permaneceram aqui exercendo outras atividades manuais (LONER e GILL, 2009). A cidade tem, dessa maneira, uma significativa parcela de negros e pardos e, nesse contexto, possui casas de religião afro-brasileiras, conhecidas como terreiras ou centros de umbanda.

Estes locais apresentam, portanto, práticas que permitem uma série de variações. Para Goldman (2005: 3) que prefere a expressão “religiões de matriz africana” à denominação “religiões afro-brasileiras”, estas últimas são:

[...] resultantes de um criativo processo de reterritorialização, efetuado a partir da brutal desterritorialização de milhões de pessoas em um dos movimentos que deram origem ao capitalismo, a saber, a exploração das Américas com a utilização do trabalho escravo. Frente a essa experiência mortal, articularam-se agenciamentos que combinaram, por um lado, dimensões de diferentes pensamentos de origem africana com partes dos imaginários religiosos cristão e ameríndio e, por outro lado, formas de organização social tornadas inviáveis pela escravidão com todas aquelas que podiam ser utilizadas, dando origem a novas formas cognitivas, perceptivas, afetivas e organizacionais. Tratou-se, assim, de uma recomposição, em novas bases, de territórios existenciais aparentemente perdidos, do desenvolvimento de subjetividades ligadas a uma resistência às forças dominantes que nunca deixaram de tentar a eliminação e/ou captura dessa fascinante experiência histórica.

Nas casas de religião há uma mãe ou pai de santo que, entre outras funções, podem realizar rezas e benzeduras para os males que aparecem cotidianamente entre seus seguidores.

Para que se tenha uma ideia acerca daqueles que se declararam frequentadores de espaços relacionados à umbanda e ao candomblé, ou locais vinculados a outras religiosidades afro-brasileiras, seguem os números do Censo de 2010, os quais demonstram que vários grupos étnicos aderiram a estas religiões.

**Tabela 1. População de Pelotas (RS) por religião e cor/etnia**

<b>Religião</b>	<b>Todas as etnias*</b>	<b>Preta</b>	<b>Parda</b>
<b>Total da população</b>	328.275	34.817	26.548
Umbanda e Candomblé	11.089	2.907	1.803
Umbanda	10.624	2.764	1.721
Candomblé	298	112	50
Outras declarações de religiosidades afro-brasileira	167	31	32

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2010 (Tabela construída pelas autoras)

\* Incluindo os sem declaração.

De acordo com ORO (2009: 123), o “Rio Grande do Sul é um dos estados brasileiros em que as religiões afro-brasileiras detêm maior longevidade, maior número de terreiros e maior número de indivíduos que, em termos proporcionais, se declaram pertencentes a essas religiões”. Esta afirmação é compreendida pelo autor devido ao fato deste Estado produzir uma autoimagem e repercuti-la além de suas fronteiras, como um estado branco, composto por imigrantes europeus, com o intuito de excluir os negros e os índios.

Para BASTIDE (2011) as religiões afro-brasileiras se constituem de modos diversos em cada região. Na Bahia se tem o Candomblé, no Maranhão o Tambor de Mina, em Recife o Xangô e no Rio de Janeiro a Macumba. Já no Rio Grande do Sul existem três modalidades: a Umbanda, a Linha Cruzada e o Batuque (ORO, 2009).

Na Umbanda, encontra-se a linha que cultua os caboclos e os pretos velhos, espíritos ou entidades que vêm ao mundo para fazer caridade em um processo de evolução espiritual. Tratando-se ainda desse estado, os templos de umbanda chegam a 5% das casas de religião. A linha cruzada ou quimbanda, que cultua os Exus, as pombagiras juntamente aos Orixás, chegam a 85%. Por sua vez, o batuque cultua os Orixás e os espíritos dos mortos, chegando a 10% do total de 30 a 40 mil casas, incluindo nesse total os altares domésticos (CORRÊA, 2009 *apud* AVILA, 2011: 49).

É bastante interessante a formação de cada uma destas religiões e de seus contextos específicos em paralelo com as transformações do Rio Grande Sul. O Batuque começou na segunda metade do século XIX, quando os sacrifícios de animais “não ofereciam problemas num estado pastoril e [...] as iniciações podiam ser longas, pois as relações de trabalho eram

ainda relativamente frouxas” (ORO, 2009: 31). A Umbanda, por sua vez, se instalou nos anos de 1930 em um processo industrial e de urbanização, no qual o tempo tinha outro sentido, com a necessidade de rituais mais curtos, sem o uso de tambores e de sacrifício animal. Já a Linha Cruzada data da década de 1960 num contexto de desemprego e greves. Caracteriza-se por ser uma religião pragmática “de serviço, que se especializa nas soluções sobrenaturais dos problemas do homem moderno” (ORO, 2009: 31).

A senhora Joana Barbosa de Souza, negra, é uma benzedora vinculada à religião afro-brasileira. Ela nasceu no dia 21 de dezembro de 1937 e sua entrevista foi realizada no ano de 2010. Sua fala está relacionada fortemente às tradições afro, pois se declara como praticante da Umbanda e do Batuque. De todo o modo, também reforça a ideia de ter um dom, pois nunca teria recebido qualquer ensinamento e não benze apenas para curar determinadas doenças, mas visando uma melhoria mais abrangente da vida, rezando, por exemplo, para que a pessoa não morra em função de alguma demanda cotidiana, como uma desavença entre vizinhos, por exemplo.

Para Joana seu desenvolvimento ocorreu dentro da Umbanda: "Na Umbanda me aprontei, aí a gente vai atendendo. Quando mais gente a gente atende mais evolui a mente". Ela destaca que há algumas rezas que se vinculam a benzeduras e outras a serviços<sup>24</sup> por serem mais difíceis de se consumarem. De acordo com suas palavras, "Eu trabalho pra qualquer tipo de coisa mesmo! Qualquer tipo de serviço e tem serviço pra cada coisa destinada. [...] Cada coisa é um destino!"

Para as benzeduras não há qualquer cobrança, como é comum em outras situações de fala encontradas. Sua narrativa reforça essa premissa:

[...] porque benzedura não se cobra. Não se cobra mesmo! Eles cobram por aí; diz que a benzedura de quebrante é dois reais. Qual é a outra coisa que esses dias... A espinhela três reais, mas benzedura não se cobra porque a benzedura é um dom que Deus dá. Aí a pessoa agrada com o quer, né? Mas não se cobra a benzedura! Eu nunca cobre benzedura. Nem de espinhela; nem de encalho; nem de quebrante; nem de olho grosso. Nada, nada, nada! Nem de inveja. Tem uns que têm inveja uns dos outros, né? É horrível! E o olho é o pior feitiço. Parece mentira. Existe feitiço, diz que não existe, mas existe! Mas o olho é o pior feitiço que tem!

---

<sup>24</sup> Joana distingue o que pensa ser uma benzedura, uma simpatia e também um serviço, que se relaciona a algo mais difícil de ser solucionado, desde uma doença muito grave até um mal de amor.

Já quando a situação é mais delicada, como um tratamento para esclerose múltipla que estava realizando, é preciso fazer um serviço, que necessita de materiais e recursos, por isso é imperioso o pagamento. Atualmente a entrevistada não benze incorporada<sup>25</sup>, pois afirma estar cansada de tanto trabalho vinculado à religião. Ela afirma que antes quando benzia dessa forma era com o preto velho, conforme ela mesma faz referência.

O último benzedor, cuja fala será analisada, é o senhor Ariosto da Rosa, negro, nascido em 11 de outubro de 1941, em Piratini. Ele diz ter trabalhado muito tempo na campanha, no "lombo do cavalo" e que lá começou a se desenvolver espiritualmente, primeiro com uma entidade chamada Junco Verde. Ao chegar em Pelotas passou a atuar junto ao Cacique Águia Branca, no bairro Areal, em um local que descreve como muito humilde. Diz não acreditar na vidência a partir de cartas e búzios, mas sim "em uma entidade que vem para dizer a verdade".

Com o tempo passou a atender em sua própria casa, na garagem e, aos poucos, foi obtendo recursos com a própria comunidade para ampliar o espaço para a reza. Nas suas palavras, "[...] Eu não tinha intenção de ter um congá<sup>26</sup>, de ter um atendimento assim geral em casa [...] hoje tem e as pessoas deram, fizeram a peça, fizeram tudo ali".

Uma das questões que aparece em sua fala é o fato de a esposa não acreditar naquilo que fazia, tanto assim que, em algumas vezes, chegou a desistir de praticar a cura e o cuidado aos outros. Ocorre que, segundo ele, por pouco tempo conseguia ficar afastado. Em algumas situações caminhava sem saber por onde até que encontrava um mato, entrava e ali permanecia. Ele refere "[...] Porque eu entrava no mato e não me dava conta, mas quando eu saía eu perdia o sentido e em vez de voltar seguia em frente, a própria entidade me tocou". A entidade aparecia como um carroceiro, com uma capa e chapéu preto, que buscava oferecer um caminho de volta. Segundo Ariosto, este era um sinal para que retornasse a exercer sua missão e assim o fazia.

Ariosto trabalha com o primo Manoel (que se fez presente em parte da entrevista) e realiza o que chama de limpezas de diferentes espaços, como casas, empresas e quadras de esporte, por exemplo. Diz benzer para diferentes questões e estabelece, inclusive, um

---

<sup>25</sup> Benzer incorporado significa rezar a partir de um espírito que o médium recebe.

<sup>26</sup> Altar sagrado da Umbanda.

percentual para os casos resolvidos, em torno de 80%, o qual julga ser bastante significativo.

Reza para pessoas e animais, a partir de ramos verdes e, também, da brasa. Para a bronquite costuma receitar xarope de nabo. Como nos outros casos, revela que muitos adoentados, antes de dirigirem-se a ele, procuram médicos de diferentes especialidades, mas que há situações vinculadas apenas a benzeduras, como as quebraduras e os nervos rendidos<sup>27</sup>, para os quais é preciso benzer costurando, da mesma maneira proposta pelo senhor Geovegildo.

Ariosto realiza serviços, tal como Joana, para questões mais difíceis e algumas vezes vinculadas não a doenças, mas a relacionamentos amorosos, como o pedido de retorno de algum ente querido ou de seu afastamento por completo. Para estes casos, há cobrança.

Os benzedores de religião, vinculados a práticas afro-brasileiras, portanto, são aqueles que possuem um espectro mais amplo de atuação, ao realizarem simpatias (para situações mais simples); benzeduras, para doenças cotidianas e serviços, que procuram resolver não apenas questões relacionadas à saúde, mas também voltadas a relacionamentos entre as pessoas.

### **Considerações Finais**

Algumas questões pautavam o nosso olhar quando pensávamos em benzeduras, ao iniciarmos o projeto: a primeira é que estava circunscrita ao universo feminino, tendo em vista que as mulheres costumam ser as cuidadoras em uma família; a segunda é que seriam encontrados benzedores fundamentalmente em cidades interioranas, que possuíam regiões mais afastadas em zonas rurais, nas quais o acesso aos agentes de saúde era mais restrito; e, por último, a perspectiva de ser um ofício em extinção.

Depois da realização de dezoito entrevistas em cidades diversas, como Jaguarão, Piratini, Santana do Livramento e Pelotas nossa perspectiva se alterou, tendo em vista as seguintes questões: foram encontradas várias benzedoras e, também, benzedores em cidades de diversos portes.

---

<sup>27</sup> Luxações.

A benzedura que tem encontrado dificuldade em se manter é aquela mais relacionada à tradição, tendo em vista o pouco interesse das novas gerações em aprender rezas que, muitas vezes, não fazem sentido às suas trajetórias de vida. Ainda assim foram identificados alguns poucos benzedores nesta vertente, inclusive um bastante novo, Vinícius Porto, nascido no ano de 1986, em Pelotas, formado em História, que aprendeu a benzer com sua avó materna e pratica os seus ensinamentos.

Já os benzedores de religião são mais frequentes, pois existem vários centros de religiões afro-brasileiras relacionados à Umbanda, por exemplo, que, em seu interior, possuem pessoas destinadas a cumprir com esta função, através de seus guias espirituais/entidades.

A perspectiva de dom ou missão expressa em prestar serviços sem contar com retribuição financeira foi anunciada por praticamente todos os benzedores entrevistados, alguns de forma mais enfática, outros utilizando as palavras, eventualmente, durante as suas narrativas.

A proposta de classificação, portanto, serviu mais para buscar um elemento definidor para o início das atividades, ainda que as categorias tradição, dom e religião tenham se misturado em trajetórias de vida, expressas através das falas dos benzedores.

As mulheres representam o maior número de cuidadores encontrados, mas a soma dos homens não pode ser menosprezada. As mulheres benzem mais pessoas; os homens costumam se dedicar também a reza à saúde de animais que servem para a produção, assim como àqueles que são cuidados no ambiente doméstico, como cães e gatos. No entanto, vários homens e mulheres cuidam de pessoas e animais, em uma proporção estabelecida mais pela necessidade da comunidade na qual estão inseridos.

Alguns pontos são convergentes entre os benzedores: rezar a partir de ervas e ramos verdes; fazer as orações com uma sequência de números ímpares; na situação de rezas mais simples não realizam cobranças, apenas aceitando retribuições, caso a pessoa atendida assim o desejar; a declaração de que alguns males são para benzedores e outros para médicos; a necessidade de fé também por parte de quem busca a cura; a preocupação de que o ofício seja extinto.

Ao final da pesquisa, a impressão é que a prática da benzedura está longe de acabar. Mesmo com maior acesso a médicos e agentes de saúde, em diferentes cidades e regiões,

muitas pessoas continuam a buscar o auxílio e amparo de rezas, inclusive os jovens, que, algumas vezes, as percebem como sendo específicas dos benzedores, como para a cura do sapinho, do cobreiro, da bronquite, dentre outros ou apenas querem um olhar cuidadoso de alguém que possui um saber que perdura através dos anos sobre várias demandas.

O acolhimento dos benzedores, mulheres e homens, que se dispõe a orar e cuidar dos outros sem nada pedir, mostra outro caminho, o da solidariedade em uma sociedade a cada dia mais individualizada.

A benzedura, juntamente com outras práticas de cura alternativas, bastante populares recentemente, como o *reiki*, o *shiatsu*, a aromaterapia, permite um retorno à natureza e uma busca de equilíbrio entre o corpo e mente. Talvez por esse motivo provavelmente permaneça como uma opção de alento e cuidado por um longo tempo.

#### **Fontes orais:**

Entrevista realizada com a senhora Joana Barbosa de Souza, no dia 21 de janeiro de 2010, na casa dela, em Pelotas. Entrevistadores: Lóren Rocha e Marciele Vasconcellos.

Entrevista realizada com a senhora Anarolina Fagundes Soares, no dia 20 de março de 2010, na casa dela, em Pelotas. Entrevistadores: Lorena Gill, Lóren Rocha e Marciele Vasconcellos.

Entrevista realizada com o senhor Geovegildo Freitas, no dia 19 de abril de 2010, na casa de sua filha, na colônia Cascata, de Pelotas. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill, Lóren Rocha e Marciele Vasconcelos.

Entrevista realizada com o senhor Ariosto da Rosa, no dia 17 de junho de 2010, na casa dele, em Pelotas. Entrevistadores: Lóren Rocha e Murilo Rosa.

Entrevista realizada com Vinícius Porto, no dia 18 de junho de 2010, no Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas. Entrevistadoras: Lóren Rocha, Marciele Vasconcellos e Micaele Irene Scheer.

Entrevista realizada com o senhor Dario de Almeida Marques, no dia 13 de novembro de 2010, na casa dele, na zona central de Pelotas. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill, Lóren Rocha e Marcielle Vasconcelos.

Entrevista realizada com a senhora Loiva Furtado Brum, no dia 29 de fevereiro de 2012, na casa dela, Piratini. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill, Eduarda Borges da Silva e Lóren Rocha.

Entrevista realizada com a senhora Diva Costa Ribeiro, no dia 31 de julho de 2014, na casa dela, em Pelotas. Entrevistadores: Lorena Gill e Vinícius Kusma.

### **Fontes Escritas:**

Jornal O Nacional de 19 de setembro de 1891, p. 3. Acervo da Biblioteca Pública Pelotense.

Jornal O Rebate de 5 de janeiro de 1916, p. 2. Acervo da Biblioteca Pública Pelotense.

Relatório da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, para o ano de 1929 (Volume I, página 479). Acervo da Biblioteca Pública Pelotense.

### **Fonte Estatística:**

- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/inicial>>. Acesso em: 14 out. 2017.

### **Referências Bibliográficas:**

ALMEIDA, Paula Castro. “*As palavra é que voga*”: concepções de cura e saúde entre benzedeadas no município de Pelotas. 2015. 127 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

AVILA, Carla Silva de. *A princesa batuqueira*: etnografia sobre a interface entre o movimento negro e as religiões de matriz africana em Pelotas/RS. 190f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia*: Rito Nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: EDUSP, 1998.

CAILLÉ, Alain. *Antropologia do Dom*. O Terceiro Paradigma. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.



CORRÊA, Norton. Os tambores Batá no Batuque no Rio Grande do Sul (Extremo-Sul Brasileiro). Congress of the Latin American Studies Association, RJ Brasil, p. 11-14, 2009.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. *Tempo e argumento*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5-22, 2012.

FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a Bruxa*. Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FIGUEIREDO, Beatriz. *A Arte de Curar: Cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício da Leitura, 2002.

GILL, Lorena. *Um mal de Século: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS) 1890-1930*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: PUCRS, 2004. <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2017/04/Um-Mal-do-S%C3%A9culo.pdf> Acesso em 23 de junho de 2017.

GILL, Lorena e SCHEER, Micaele. *À beira da Extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer*. Pelotas: Editora da UFPel, 2015.

GILL, Lorena e ROCHA, Lóren. Trajetórias de Benzedeiros Negros. In: GILL, Lorena e SCHEER, Micaele (Orgs.). *À Beira da Extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer*. Pelotas: Editora da UFPel, 2015, p. 101-111.

GOLDMAN, Márcio. Formas do Saber e Modos do Ser: Observações sobre a multiplicidade e ontologia no Candomblé. *Religião e Sociedade*, 25 (2), p. 102-120, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KOSBY, Marília. “*Se eu morrer hoje, amanhã eu melhoro*”: Sobre afecção na etnografia dos processos de feitura da pessoa de religião no Batuque, em Pelotas/RS. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pelotas: UFPel, 2009. <http://wp.ufpel.edu.br/ppgs/files/2014/06/marilia.pdf> Acesso em março de 2017.

LEAL, Ondina. Benzedeiras e Bruxas: sexo, gênero e sistema de cura tradicional. *Cadernos de Antropologia*, Porto Alegre, v. 5, p. 7-22, 1992.

LONER, Beatriz e GILL, Lorena. Clubes Carnavalescos Negros na cidade de Pelotas. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2009.

LOYOLA, Maria. *Médicos e curandeiros*. São Paulo, Difel, 1984.

MACIEL- LIMA, Sandra e SOUZA-LIMA, José. Saber e Sentir na Prática Biomédica. *Revista Tecnologia e Sociedade*, p. 1-6, 2011. [https://www.researchgate.net/profile/Jose\\_De\\_Souza\\_Lima2/publication/236342194\\_Saber](https://www.researchgate.net/profile/Jose_De_Souza_Lima2/publication/236342194_Saber)

[\\_e\\_Sentir\\_na\\_Pratica\\_Biomedica/links/56719b1e08aed8f3115cd638/Saber-e-Sentir-na-Pratica-Biomedica.pdf?origin=publication\\_detail](#) Acesso em: 10 jan. 2019.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Nalfy, 2003.

MEIHY, Jose. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

OLIVEIRA, Elda. *Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas*. 1983.. Dissertação — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1983.

ORO, Ari Pedro. As religiões afro-gaúchas. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luiz Carlos Cunha (Orgs.). *RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 123-133.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PRIORE, Mary Del. Magia e Medicina na Colônia: o corpo feminino. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 78-114.

QUEIROZ, Maria. Estudos sobre medicina popular no Brasil. *Religião e Sociedade*, p. 241-50, 1980.

QUINTANA, Alberto. *A ciência da benzedura: mau olhar, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru: EDUSC, 1999.

RICOEUR, P. *La Mémoire, L'histoire, L'oubli*. Paris: Seuil, 2000.

SILVA, Eduarda Borges da. *Partejar e narrar: o ofício de parteira ao sul do Rio Grande do Sul (1960-1990)*. 2017. 174f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

SOARES, Márcio. Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial. In: *História, Ciência, Saúde*. VIII (2), 2001, p. 407-428.

TOMASI, Antônio e SILVA, Ivone. Ofícios de ontem e ofícios de hoje: ruptura ou continuidade. In: XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2007, [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000250&pid=S0103-979201300030001300032&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000250&pid=S0103-979201300030001300032&lng=pt) Acesso em: 15 mar. 2018.

TORRALBA ROSSELÓ, Francesc. *Antropologia do Cuidar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TOMIZAKI, Kimi. Transmitir e Herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 111, p. 327-346, abr.-jun. 2010.

WEBER, Beatriz. Fragmentos de um mundo oculto: práticas de cura no sul do Brasil. In: HOCHMAN, Gilberto (org.). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004, p. 157- 216.

WITTER, Nikelen. *Dizem que foi feitiço: as práticas da cura no sul do Brasil (1845-1880)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

\_\_\_\_\_. Curar como Arte e Ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura. *Tempo*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 1-13, 2005.

**Recebido em:** 13 de setembro de 2018

**Aceito em:** 15 de março de 2019